

Sessão nº 3 * 20 de Maio de 2008

«Os confessores da Casa Real» (João Francisco Marques - Universidade do Porto)

APRESENTAÇÃO

Ao contrário do habitual, e por problemas logísticos relacionados com a disponibilidade da sala em que hoje nos reunimos, não farei uma apresentação problematizante do assunto e serei muito breve.

Pretendo deixar apenas apenas claro que hoje se abordará assunto decisivo para perceber uma outra dimensão do clero - o da sua influência política através do papel dos confessores, não só do rei como de outros membros da Casa Real.

É sobejamente conhecida a enorme importância que tiveram alguns deles na governação do reino: o jesuíta Luis Gonçalves da Câmara e Sebastião, Leão Henriques e D. Henrique, todos os dos Filipes - Diego de Chaves, Luis Aliaga, Antonio de Sotomaior, etc.

É muitos possuíram plena consciência da influência que os confessores tinham nos seus penitentes - o disciplinamento, incluindo junto dos monarcas, contribuído para as escolhas e políticas que seguiam. Em Abril de 1579, no acme da controvérsia política em torno da sucessão dinástica, D. Lopo de Almeida, um apoiante de Felipe II e que por ele veio a ser muito beneficiado, escrevia para o rei de Castela, e falava-lhe da influência dos jesuitas. A dado passo da carta (AGS - Estado, Portugal, Leg. 398, fl 181, dizia: “[os jesuitas son grandes hombres de negocios y muy sagazes (...) y podiendo todo con Su Alteza [D. Henrique] porque demas de se confessar con ellos, a les sido siempre Su Alteza muy aficionado”. O confessor era Leão Henriques de quem em 1579 Cristovão de Moura escrevia para Felipe II declarando que ele era “muito amigo” dos Bragança.

O tópico hoje em apreciação tem merecido recentes investigações de que recorde Leandro MARTINEZ PEÑAS - *El confesor del rey en el Antiguo Regimen*, Madrid: Editorial Complutense, 2007, e o nosso conferencista há muito que lhe topou a importância, pois já nos início da década de 90 do século passado publicou dois estudos pioneiros em Portiugal: Franciscanos e dominicanos confessores dos reis portugueses das duas primeiras dinastias. in *Espiritualidade e política in Espiritualidade e corte em Portugal (séculos XVI a*

XVIII), Porto: Instituto de Alta Cultura, 1993, p. 53-60 e Os jesuítas, confessores da corte portuguesa na época barroca (1550-1700), *Revista da Faculdade de Letras - História*, 2ª série, XII (1995), p. 231-270.

Escutemo-lo, pois.

José Pedro Paiva